

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes - Departamento de Artes Cênicas
Curso de Graduação - Licenciatura em Teatro

Laura Ferreira Lopes

**A atriz multiplicadora: do percurso formativo à prática docente no Studio
Pratique e Dance em Sabará - MG**

Belo Horizonte

2024

Laura Ferreira Lopes

**A atriz multiplicadora: do percurso formativo à prática docente no Studio
Pratique e Dance em Sabará - MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação - Licenciatura em Teatro, da Escola de Belas Artes - EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Heloisa Marina da Silva

Belo Horizonte

2024

A todos os professores, professoras, amigos, colegas e pessoas, que me fizeram enxergar atentamente ao universo do teatro e, a minha mãe, pelo incentivo doce e alegre ao ver as cenas artísticas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela possibilidade de trilhar os caminhos da arte e do teatro.

A toda equipe de profissionais e funcionários/as da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), especialmente que atuam na graduação em Teatro, pelo apoio.

A minha orientadora, a Prof.^a Dra. Heloisa Marina da Silva, pelo acolhimento nesse processo tão importante e pelo cuidado com a escrita.

As escolas e os projetos sociais por onde passei e que me possibilitaram uma formação digna, que me conduziram a ir cada vez mais ao encontro do fazer teatral.

Ao professor Walmir José Ferreira de Carvalho, pelos ensinamentos, pelo olhar atento e o carinho de sempre.

A Prof.^a Dra. Marina Marcondes Machado, pela sensibilidade e seu olhar rico sobre as trajetórias.

A Prof.^a Dra. Adélia Aparecida da Silva Carvalho, por me fazer pensar além do já conquistado e pela amizade sincera.

A minha família: José Batista (pai), Nazília (Nadir - mãe), Luiz Henrique (irmão) e Priscilla (cunhada) por caminharmos juntos nessa vida compartilhando saberes.

Aos meus amigos de curso Carlos Lauro, Bárbara Lima e Cristiane Oliveira pelas trocas, força e carinho em vários momentos do percurso acadêmico, e fora dele.

Ao meu amigo Joubert Garcia, pela amizade de anos e pela sua sensibilidade e doçura.

A Juliane Passos, parceira de trabalho, pelo convite a seguir contigo os primeiros passos da docência.

A tantos outros amigos e colegas que me incentivaram a continuar o meu caminho e contribuíram para o meu crescimento artístico e profissional.

*Faça o teu melhor, na condição que você tem,
enquanto você não tem condições melhores para
fazer melhor ainda.*

Mario Sérgio Cortella

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato da minha trajetória enquanto artista da cena desde o início em minha cidade de origem Sabará - MG até a formação livre, técnica e acadêmica na cidade de Belo Horizonte - MG. A partir das minhas formações pude me desenvolver enquanto profissional da área artística e retornar a minha cidade com todo os conhecimentos adquiridos ao longo desses anos, possuindo diferentes ferramentas pedagógicas e que eu pudesse aplicá-las junto a minha comunidade. O Studio Pratique e Dance foi espaço para multiplicar essas ações. Desde 2021 venho apresentando métodos e técnicas de estudo teatral à turma de teatro infantil. Usando das práticas metodológicas dos Jogos Teatrais desenvolvidos por Viola Spolin (2015); exercícios de improvisação do Sistema Impro, proposto por Keith Johnstone (MUNIZ, 2015); e a proposta de oficinas como o exercício prático de construção de Cenografias em miniatura aprendidas junto ao Grupo Girino. Isso permitiu aos alunos da turma de teatro infantil a terem uma experiência ampliada dos conteúdos presentes no universo teatral, diversificando o seu contato e repertório em meio ao fazer artístico.

Palavras-chave: Ensino de teatro, práticas pedagógicas, intercâmbio, Studio.

ABSTRACT

This work aims to present an account of my trajectory as a scene artist from the beginning in my city of origin Sabará - MG to my free, technical and academic training in the city of Belo Horizonte - MG. Based on my training, I was able to develop as a professional in the artistic field and return to my city with all the knowledge acquired over the years, possessing different pedagogical tools and allowing me to apply them to my community. Studio Pratique e Dance was a space to multiply these actions. Since 2021, I have been presenting theatrical study methods and techniques to the children's theater class. Using the methodological practices of Theatrical Games developed by Viola Spolin (2015); improvisation exercises of the Impro System, proposed by Keith Johnstone (MUNIZ, 2015); and the proposal for workshops such as the practical exercise of building miniature scenography learned from Grupo Girino. This allowed students in the children's theater class to have an expanded experience of the content present in the theatrical universe, diversifying their contact and repertoire in the midst of artistic practice.

Keywords: Theater teaching, pedagogical practices, exchange, Studio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Parede da sala de aula, lado externo

Figura 2 - Exercício da foto tema atletas - Turma 6º ano

Figura 3 - Professora Hosana realizando uma atividade prática na quadra da escola

Figura 4 - Cena de um grupo de alunos de uma das turmas de 7º ano

Figura 5 - Questionário diagnóstico do aluno Devanilson da turma de 6ª série da Escola Estadual Elísio Carvalho de Brito

Figura 6 - Questionário diagnóstico da aluna Zélia da turma de 7ª série

Figura 7 - Questionário diagnóstico da aluna Camily da turma de 8ª série

Figura 8 - Exercício prático - Cenografias em miniatura

Figura 9 - Escritas sobre o significado de mudança para cada aluna

Figura 10 - Texto sobre o significado de singularidades para a aluna Thaissa

Figura 11 - Texto da aluna Thaila

Figura 12 - Alunas da cena Borboleta Azul na Mostra *Mudanças* - julho de 2023

Figura 13 - Aula na turma Beija-flor - novembro de 2023

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFFAS – Ação Faça Uma Família Sorrir

CEFART – Centro de Formação Artística e Tecnológica

CICALT – Centro Interescolar de Cultura, Arte, Linguagens e Tecnologias

DRT – Delegacia Regional de Trabalho

EBA – Escola de Belas Artes

EEFFTO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAE – Faculdade de Educação da UFMG

FEBEM – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

MG – Minas Gerais

MT – Mato Grosso

NET – Núcleo de Estudos Teatrais

ONG – Organização Não Governamental

OPDR – Orquestra Popular Dona Ritinha

PUC MINAS – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

T.U – Teatro Universitário da UFMG

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 A CHEGADA DO TEATRO: DO CONTATO A AÇÃO ATUAÇÃO) | 13 |
| 2.1 A visita à Escola Estadual Elísio Carvalho de Brito em Sabará..... | 13 |
| 2.2 A ONG AFFAS (Ação Faça Uma Família Sorrir)..... | 15 |
| 2.3 A Iniciação teatral no Programa Valores de Minas - Belo Horizonte/MG..... | 16 |
| 2.4 A busca pela formação artística profissionalizante..... | 19 |
| 2.5 A graduação em teatro | 22 |
| 2.6 A licenciatura em teatro e as descobertas..... | 24 |
| 3 HORA DA AÇÃO! | 38 |
| 3.1 O convite à docência – Studio Pratique e Dance em Sabará - MG..... | 38 |
| 3.2 As práticas metodológicas com o público infantil..... | 39 |
| 3.3 As alunas oficinairas: Oficina de Cenografias em miniatura - Grupo Girino..... | 43 |
| 3.4 Mostra de trabalhos do Studio Pratique e Dance..... | 46 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 55 |
| ANEXOS | 56 |
| Autorizações das mães das alunas do Studio Pratique e Dance para uso de imagens..... | 57 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz de volta o meu olhar atento enquanto criança assistindo a uma apresentação teatral na escola nos anos iniciais em Sabará - MG. A partir daquele momento o mundo da curiosidade pela arte não se aquietou dentro de mim. Ao longo dos anos, esse desejo de saber mais sobre a arte e em especial o teatro me fez trilhar caminhos que eu nem imaginava que existiam. Através da primeira experiência em projeto social como aluna da Orquestra Popular Dona Ritinha na ONG¹ da Ação Faça Uma Família Sorrir (AFFAS), tive a oportunidade de adentrar nas possibilidades do percurso artístico e a começar a sonhar e a pensar que os estudos e contatos com outras linguagens seriam possíveis.

A primeira experiência formativa de teatro veio em 2009 através do Programa Valores de Minas² localizado no antigo espaço do Plug Minas, hoje atual Centro Interescolar de Cultura, Artes, Linguagens e Tecnologias (CICALT³), localizado em Belo Horizonte - MG. Nesse espaço consolidei a minha base teatral e pude caminhar rumo a outras oportunidades de aprendizado. Naquele momento, eu queria aprender mais sobre o teatro e caminhava com a ideia de que se era algo que eu gostaria de me profissionalizar deveria buscar um curso técnico.

Após algumas tentativas em que fui desclassificada em alguns processos seletivos em escolas teatrais, pensei se o teatro era realmente para mim. Mas eu resolvi tentar mais uma vez e fui selecionada, consegui concluir minha formação técnica em teatro no Centro de Formação Artística e Tecnológica (CEFART⁴), da Fundação Clóvis Salgado, e que

¹ Uma ONG é uma organização que não tem finalidades lucrativas e é formada com o objetivo de fazer trabalhos de auxílio social [...]. Disponível em <https://www.todapolitica.com/ong/> Acesso em: 07/08/2024

² Promovia a inclusão social de 520 jovens com idades entre 14 e 24 anos, engajados em atividades artísticas e culturais e com interesse em aprender e se desenvolver profissionalmente como artista, a partir de capacitação integrada, abrangendo diversas manifestações culturais (teatro, música, dança, pintura, grafitti, circo, dentre outras áreas). O projeto propõe a promoção de talentos artísticos oriundos das camadas populares da população de Belo Horizonte.

Disponível em: <https://www.cieds.org.br/resumo-do-projeto/valores-de-minas> Acesso em: 07/08/2024

³ Espaço destinado a cursos TÉCNICO DE ARTE e EJA (educação de jovens e adultos). Disponível em: <https://plugminas.educacao.mg.gov.br/> Acesso em: 07/08/2024

⁴ O Centro de Formação Artística e Tecnológica – Cefart, da Fundação Clóvis Salgado, é responsável por promover a formação em diversas linguagens no campo da arte e em tecnologia do espetáculo, com qualificação em Cursos Técnicos, Regulares e de Extensão. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/apresentacao-cefart/> Acesso em: 07/08/2024

funciona nas dependências do Palácio das Artes. Essa escola certamente foi um divisor de águas na minha vida.

Com o desenvolvimento físico e psíquico adquiridos durante o curso pude compreender a minha relação com o meu corpo e com a arte da cena. Amadureci ideias, pus meu corpo em jogo em busca de mais conhecimento, até porque me parecia possível continuar trilhando esse caminho do teatro e suas linguagens. Apesar das barreiras da distância entre as cidades, o cansaço, a rotina exaustiva, conciliar trabalho e estudo e de pouco tempo para me dedicar aquilo que eu realmente queria e que eu propus a fazer. Consegui ao longo desse percurso buscar sempre me empenhar no meu fazer artístico e a me dedicar e agradecer a cada oportunidade de aprendizado. O CEFART me levou além, me conduziu para os caminhos da graduação em teatro e esse foi o começo de uma nova jornada.

A universidade surgiu como um campo vasto a ser explorado com muitas novidades, possibilidades de aprendizados e de exercer novos pensamentos sobre as práticas teatrais e me fez despertar o olhar além da atuação, que era o de lecionar aulas. As experiências durante os estágios, isso no percurso da licenciatura, foi a retomada de lugares que tinham um significado especial para mim, como a Escola Estadual Elísio Carvalho de Brito e o CICALT (antigo Plug Minas onde ficava o Valores de Minas). Foram momentos de muitos gatilhos, muitas memórias que vieram à tona e sensações que me fizeram lembrar o quanto eu fui feliz naqueles lugares e o quanto eu aprendi enquanto aluna deles.

Agora com essa nova formação em ser professora pude retomar com toda essa bagagem para a minha cidade, me mostrando como uma profissional da cena, em meio a formação de multiplicadora com o desejo de compartilhar meus aprendizados ampliando o acesso e oportunidade de outras pessoas de experimentar o teatro e suas vivências. Isso foi possível pela oportunidade de lecionar aulas de teatro no Studio Pratique e Dance, em Sabará, a convite da diretora e professora Juliane Passos, que também veio da formação artística em dança pelo CEFART no mesmo ano em que eu me formei.

Com os alunos desse espaço pude me consolidar como professora e a olhar para trás e perceber o quão longe eu tinha chegado em meio a dificuldades e realizações e hoje posso estar à frente dessa turma e de outros espaços com mais autonomia e presença representando o teatro que existem em mim e no mundo.

2. A CHEGADA DO TEATRO – DO CONTATO A AÇÃO (ATUAÇÃO)

Neste capítulo será apresentado o meu percurso formativo desde o seu início a partir do meu primeiro contato com a arte/teatro e as minhas passagens pelas escolas de cursos livres, técnicos, até a graduação em teatro na Escola de Belas Artes da UFMG.

2.1 A VISITA À ESCOLA ESTADUAL ELÍSIO CARVALHO DE BRITO EM SABARÁ

A Escola Estadual Elísio Carvalho de Brito fica no bairro General Carneiro no município de Sabará. A cidade está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte - Minas Gerais, cerca de 14.36⁵ km de distância da capital mineira. Foi nessa escola que eu passei grande parte da minha vida estudantil, desde a 1ª até a 8ª série.

Nessa escola eu fiz vínculos importantes desde boas amizades até gostos por disciplinas como Artes, inglês e Educação Física. O meu percurso por esse espaço foi extenso, onde pude vivenciar muitas práticas que até hoje fazem parte da minha vida. O Elísio recebia várias palestras durante o ano sobre meio ambiente, saúde, cultura entre outros temas. Referente aos seus sentidos podemos nos aproximar deles através da explicação de Ingrid Koudela (2002) que nos diz:

[...] os Temas Transversais incorporam as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual, do Trabalho e Consumo. Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. (KOUDELA, 2002, p. 234).

Minha lembrança mais viva e que me conduziu ao longo desses anos na busca pela vida artística foi de uma apresentação que assistimos uma vez no pátio da escola. Eu estava entre a 3ª ou 4ª série, não me lembro o nome do grupo e o motivo da apresentação, mas eu me lembro de ter visto uma criança em cena, atuando.

O que me chamou muito a atenção e me fez questionar: Como aquela criança conseguiu estar lá? No caso, como ela conseguiu fazer parte daquele grupo? Uma pergunta na qual eu não tive nenhuma resposta. Nesse caso, minha visão sobre o teatro se limitava apenas

⁵ Distância calculada de acordo com a fonte: [Distância entre Sabará e Belo Horizonte \(distanciacidades.net\)](https://www.distanciacidades.net/). Acesso em 03/04/2024.

ao que a escola me oferecia, por isso ficávamos reféns dela e naquela expectativa de quando iríamos assistir novamente uma outra apresentação.

Mesmo considerando a praticidade de contar com um espetáculo teatral a ser encenado nas dependências da própria escola, o deslocamento das crianças até o teatro possibilita uma experiência estética ímpar através do contato com os elementos fundamentais que compõem o espetáculo: iluminação; cenografia; sonoplastia; representação dos atores; música; o texto dramático ou poético; contrarregras; direção do espetáculo, entre outros. A apreciação e análise, por parte das crianças e jovens, de espetáculos teatrais de qualidade, bem como a participação em eventos artísticos, é uma forma de trabalhar a construção de valores estéticos e o conhecimento de teatro. (KOUDELA, 2002, p. 234 e 235)

Me lembro de ter assistido uma vez um programa de televisão e de também ter visto crianças nele, algumas pessoas me disseram que era o programa *Janela, janelinha* da TV Brasil⁶ Naquele momento fiz a mesma pergunta, queria saber como elas conseguiram fazer parte daquilo.

Não tive respostas, pelo fato de não ter a quem perguntar, pois minhas referências sobre o teatro eram muito escassas naquela época. Aqui em Sabará quase não se falava em teatro a não ser o da igreja, o teatro da semana santa, da Associação Teatral Zé da Semana Santa⁷. E o que se passava na televisão eram propagandas sobre o Núcleo de Estudos Teatrais (NET)⁸ algo como “*venha fazer teatro, venha brilhar*”.

Eu, mesmo pequena, tive um desejo muito grande de estudar lá, mas pensei: *tenho que pagar mensalidade e passagem*. Nessa hora eu entendi que eu não poderia fazer o curso, por falta de condições financeiras e porque esse tipo de estudo talvez não fosse tão importante, talvez cursos de informática ou algum outro profissionalizante seriam mais relevantes socialmente.

Além disso, eu fui pouquíssimas vezes ao teatro. Numa dessas idas fomos conhecer o Teatro Municipal de Sabará⁹ localizado no centro histórico da cidade. Para a escola isso era realmente uma visita importante, a de conhecermos esse ponto da cultura local.

⁶ TV Brasil é a rede de televisão pública brasileira pertencente à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), conglomerado de mídia do governo do país.

⁷ É uma companhia de teatro religioso que atua há 44 anos na cidade de Sabará.

⁸ O NET - Núcleo de Estudos Teatrais existe desde 1980 com a missão de partilhar o conhecimento e promover a cultura ofertando vários cursos ao longo da sua trajetória. Para mais informações, acesse o site: <https://www.teatrodnet.com.br> Acesso em: 03/04/2024.

⁹ O Teatro Municipal de Sabará, antigamente chamado Casa de Ópera de Sabará, é uma edificação histórica da cidade brasileira de Sabará, no estado de Minas Gerais. É o segundo teatro mais antigo do Brasil ainda em atividade, sendo patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O Teatro foi eleito uma das Sete Maravilhas da Estrada Real.

Durante algumas práticas escolares, eu e meu amigo Joubert Garcia sempre optávamos por fazer algumas cenas nas aulas. Era uma atividade que achávamos interessante em realizar e a escola recebia bem nossas propostas, o que gerava alguns elogios para nós. Apesar das poucas práticas teatrais eu não conhecia fora da escola nenhum outro lugar em Sabará que oferecesse aulas de teatro, com isso esse desejo aos poucos foi ficando adormecido.

Uma vez eu vi um cartaz colado no supermercado, era de uma apresentação de teatro. Pelo que me recordo era uma apresentação do Grupo Teatro Kabana¹⁰, mas que já tinha acontecido. Eu não conhecia o grupo e fiquei um bom tempo sem saber, isso por falta de comunicação em geral entre a comunidade.

Praticamente não existiam atividades culturais em Sabará, principalmente no meu bairro General Carneiro, e as poucas que tinham se perdiam, por isso era muito difícil estabelecer uma conexão de fato com a área artística.

2.2 A ONG AFFAS (Ação Faça Uma Família Sorrir)

Em General havia uma ONG chamada AFFAS - Ação Faça Uma Família Sorrir. Nessa ONG tinham oficinas, um grupo de percussão e uma orquestra. Era a Orquestra Popular Dona Ritinha (OPDR¹¹), em homenagem a uma moradora do bairro. Lembro-me de procurar saber se na AFFAS havia curso de teatro e não tinha, o forte era essa relação com a música e os grupos existentes.

Joubert, meu amigo, tinha se inscrito para participar da orquestra e me convidou também a participar. Já era o último dia de inscrição, antes de me inscrever eu pensei: *já que não tem teatro, vamos fazer música, que também é relacionado a arte.*

E nesse percurso passaram-se em torno de 4 anos. Começamos por volta de 2004 até 2007. A orquestra foi um lugar de encontros, aprendizados, passeios e um contato maior

¹⁰ Grupo teatral residente em Sabará que mantém seu núcleo central identificado nos artistas Mauro Xavier e Nélida Prado desde 1979, ano de sua primeira montagem. Acumulam em sua bagagem variados elementos e tendências das artes cênicas, que integravam o teatro, o circo, bonecos, música e folguedos da cultura popular brasileira. Fonte: <https://gtkabana.com.br/ogrupos> Acesso em: 07/08/2024

¹¹ Era uma orquestra que tinha vários instrumentos de percussão e sopro. Fazíamos uso também de alguns instrumentos de percussão que eram feitos de materiais recicláveis como galão de água e garrafinha pet, entre outros.

com a arte, fora do alcance da tv, que era um dos meios de comunicação mais presentes naquela época.

Apesar da música, esse desejo e gosto pelo teatro mesmo que adormecido, ainda existia. Após o encerramento das atividades da orquestra eu não me lembro de ter feito nada artístico, a não ser em algum trabalho escolar, aí já seria a caminho do ensino médio.

2.3 A INICIAÇÃO TEATRAL NO PROGRAMA VALORES DE MINAS - BELO HORIZONTE/ MG

Eu cursei o ensino médio também numa escola pública aqui em Sabará, no bairro Nações Unidas. A escola se chamava Escola Estadual Professora Angélica Maria de Almeida. Nessa escola, encenamos um trecho do *Auto da Compadecida* do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna¹², a pedido da professora de Artes Daniela (se não me engano), que nos conduziu durante uma atividade, o que reacendeu esse desejo de fazer teatro.

Nessa época eu estava participando do Programa Valores de Minas. O Valores chegou para nós, já era por volta do início de 2009. Era fim de aula, muitos alunos estavam reunidos na quadra da escola, pois tínhamos uma palestra. Eu me lembro de ter visto chegar algumas pessoas com um estilo bem diferente, que chamavam a atenção. Eram professores do Valores que vieram convidar os alunos das regiões metropolitanas para se inscreverem nos cursos artísticos que havia no projeto, isso em Belo Horizonte. Eram cinco áreas: Artes Plásticas (depois tornou-se Artes Visuais), Circo, Dança, Música e Teatro.

Os interessados ficaram para saber mais do que se tratava o projeto. Aquela foi minha oportunidade de ouro de fazer teatro e de forma gratuita! E o programa arcava com as passagens, parecia um sonho, mas que se tornou real graças a uma política pública, construída por pessoas que pensam a arte associada à educação e a contextos sociais a fim de democratizar o acesso e gerar mais oportunidades de cada vez mais jovens poderem terem uma experiência transformadora.

A sede do Valores era num galpão que ficava na avenida dos Andradas em frente ao Parque Municipal de Belo Horizonte com alguns bonecos pendurados na fachada. O

¹² Ariano Suassuna foi escritor e dramaturgo brasileiro, autor do *Auto da Compadecida*, peça teatral considerada sua obra-prima e adaptada para o cinema e televisão. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ariano-suassuna/>. Acesso em: 11/08/2024.

meu ônibus sempre passou em frente e eu nunca me perguntei o que significava aquilo. Então, eu fiz a minha inscrição e as aulas eram no período da manhã, contraturno as aulas escolares.

Eu fiz o meu percurso no Valores iniciando pelo módulo I. Na edição do programa em que eu participei, nós fazíamos três meses de todas as modalidades e após esse período nós escolheríamos três áreas, em ordem de preferência, para tentar cursá-las. Eu coloquei a primeira opção teatro, a segunda dança e a terceira música. Por mais que eu tivesse uma maior relação com a música, eu queria o teatro ou, então, experimentar meu corpo na dança, caso não fosse selecionada para a primeira opção.

No resultado eu fui selecionada para o teatro, fiquei muito feliz e realizada com essa oportunidade. Um ponto positivo do Valores era o convívio com colegas de turma do ensino médio, pois podíamos compartilhar as nossas vivências ocorridas durante o programa.

Após esses três meses de aulas no galpão perto do Parque, a sede do programa foi transferida para o Bairro Horto em Belo Horizonte. O local parecia se tratar de uma antiga FEBEM¹³, agora o espaço se chamaria Plug Minas e abrigaria vários cursos além dos artísticos proporcionado pelo Valores de Minas.

O Plug Minas era um espaço gigante com cursos voltados para as juventudes. Além do mencionado tinha empreendedorismo juvenil, fotografia, jogos digitais entre outros. Agora com um novo espaço destinado para as atividades, cada turma de alunos foi estudar em sua área.

Meus primeiros professores foram: Jonnatha Horta Fortes, Simone (não me recordo o sobrenome), Cynthia Paulino, Leonardo Bertholini e Fafá Rennó. Aprendi com todos eles a minha base teatral através de jogos, exercícios práticos e teorias.

O objetivo do programa era de nos ensinar conhecimentos artísticos e nos proporcionar uma experiência prática com a montagem de um espetáculo coletivo.

¹³Atual Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP), anteriormente chamada Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM) tem a função de executar as medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade 18 anos incompletos.

A partir do segundo semestre as nossas práticas eram voltadas para um tema, criado entre professores e alunos. Começamos a ter aulas em turma e logo mais ensaios gerais junto com as outras áreas, o que nos proporcionou novos encontros e a participar dos outros processos criativos. Diante disso, nós aprendemos a ver o outro em cena e suas habilidades, além do mais de convivermos com alunos veteranos de outras edições que voltaram para ajudar na produção dos espetáculos chamados *multiplicadores*.

Esse foi um período muito rico, pois trabalhávamos em conjunto e por um objetivo final que era o espetáculo de conclusão de curso. Me lembro de sair de casa vestida com a camisa do programa muito orgulhosa por estar fazendo parte e por sentir que era um compromisso com ele.

Ao final do ano de 2009 apresentamos o espetáculo *Metrópole* aberto ao público, tendo pais, familiares e amigos presentes. Esse espetáculo foi oficialmente a minha estreia em um palco/ espaço destinado às encenações. Me lembro de ter me sentido muito presente e entregue em todo o processo, além de ser uma novidade, era uma forma de eu experimentar um teatro que eu nunca tinha vivenciado antes. Pude pela primeira vez entender a relação do meu corpo com as propostas de cenas, com o espaço, com o jogar com os meus colegas e principalmente, o de me mostrar para uma plateia que estava viva e presente, e fortalecendo o nosso discurso e o nosso trabalho.

Isso reforçou a importância do que estávamos fazendo e principalmente do que aquilo representava para nós enquanto jovens artistas ao transmitir conhecimentos, despertando o interesse de outras pessoas em também fazer parte do projeto e proporcionando uma experiência artística aos espectadores. Para mim, essa primeira experiência foi transformadora, que me confirmou aquele desejo que eu tive em viver o teatro lá no meu início e que estava sendo possível a partir daquele momento. Encerramos assim o módulo I do programa.

No ano seguinte, 2010, saíram as inscrições para o módulo II do programa. Era o módulo dos *multiplicadores*. Esse módulo era formado por um grupo de alunos selecionados de cada área. Meu inscrevi e no ato da entrevista me lembro de me perguntarem como eu iria fazer se precisasse trabalhar e participar do projeto, eu disse que tinha disponibilidade até porque em 2009 eu me formei no ensino médio que era à noite e por sorte o módulo II também seria à noite, então eu estaria livre para cursá-lo. Logo mais, eu também passei nessa seleção. Eu fiquei muito feliz, pois era mais uma oportunidade de aprendizado e poder continuar os meus estudos na área artística.

Nesse módulo havia aulas práticas e teóricas, o uso de metodologias, era um pouco diferente do ano anterior. Senti que ali já começava um movimento de nos aprimorar para novos trabalhos e o que proporciona também um certo status em ser um aluno *multiplicador*.

Além das aulas participamos de apresentações dentro e fora do projeto. Essa nova posição que nós nos encontrávamos nos dava a experiência de já termos vivido um processo de aprendizagem e de criação de espetáculo e nós retornaríamos como monitores para os calouros os auxiliando e ajudando os professores.

Certa vez uma amiga do teatro, chamada Christiane, estava agitada numa das aulas, fiquei sabendo que ela estava fazendo prova no CEFAR, atual CEFART. Logo mais soube que ela passou no curso técnico de teatro lá, foi a primeira vez que eu soube da existência desse curso. Nisso formamos no módulo II do programa e fomos seguir a nossa vida fora daquele espaço. Em 2011 no Valores criou-se o módulo III, esse módulo era voltado para a formação de um coletivo que pudesse se apresentar pelas cidades. A primeira edição aparentemente deu muito certo, chamava Cia Argó, quando soube que abriria as inscrições para o módulo III em 2012, resolvi me inscrever na nova turma e mais uma vez eu fui selecionada.

Nesse módulo também criamos um coletivo, chamado Cia Independente Papume. Tínhamos reuniões, aulas e criações de pequenos espetáculos. Tivemos a oportunidade de participar de uma caravana da cultura no município de Águas Formosas - MG. Durante essa atividade apresentamos dois espetáculos e realizamos oficinas artísticas de teatro, circo e música numa escola pública, num período de dois dias e tudo isso aberto para que a comunidade viesse a participar.

Concluimos o módulo III, finalizamos assim o nosso percurso de 3 anos dentro do programa. Isso ampliou a minha visão sobre a área artística em especial ao teatro e suas práticas, de criar, de ir ao encontro do público e despertar o interesse em continuar buscando por mais aprendizados. Ainda assim, dentro do Plug Minas cursei Laboratório de Culturas, um curso voltado para o ensino de idiomas inglês e espanhol, em 2014.

2.4 A BUSCA PELA FORMAÇÃO ARTÍSTICA PROFISSIONALIZANTE

Soube que aquela minha amiga do Valores estava se formando no CEFART e eu fui assistir as suas montagens e achei os trabalhos incríveis. Lembro-me que numa

determinada cena de um dos espetáculos, eu vi uma garota superconcentrada, achei legal a sua movimentação e naquele momento eu desejei ter aquilo para mim também, saber atuar igual a ela. Logo em 2011, eu me inscrevi para as provas do T.U - Teatro universitário da UFMG, e não fui selecionada na segunda etapa. Fiquei chateada, pois eu gostava da linguagem de um teatro mais popular, característica do T.U, mas não pude dar continuidade aos seus estudos.

Em 2012, eu tentei o CEFART. Como o curso era pago, eu comecei a me planejar financeiramente para arcar com as futuras despesas das mensalidades e transporte e nesse período eu só podia contar com um salário de um emprego de telemarketing, o que não era muito, mas era o suficiente para eu conseguir me programar caso passasse no processo seletivo.

No CEFART eu não passei para a terceira etapa, fiquei muito chateada, cheguei a pensar que teatro realmente não era para mim. Fui até ao parque chorar e acabei sendo abordada por policiais que me viram com os olhos vermelhos, achando que eu poderia ter usado algo. Passei esses dois anos longe do teatro, foi um período de inquietação por não poder estar participando de alguma atividade artística que continuasse alimentando os meus aprendizados.

Em 2013, eu soube do Espaço Cênico Rick Alves, na época era um espaço particular com cursos livres para atores. Como eu queria dar continuidade às minhas práticas, estudei durante um semestre. Fiz novos exercícios, o uso de novas metodologias, novas amizades e uma nova criação de espetáculo de formatura do módulo.

Virou-se o ano de 2014, a dúvida era continuar no Espaço Cênico que era na época curso livre ou migrar para uma outra escola com certificado, no caso DRT¹⁴ já que o T.U e o CEFART eram escolas difíceis de ingressar. A outra opção seria o curso de teatro da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS), com formação em um ano e meio e você sairia com o registro. Na época a mensalidade era bem alta, e mesmo eu ganhando pouco resolvi investir mais uma vez na minha formação e me inscrever.

Fiz um ano de curso de teatro na PUC. Nessa escola achei vários fatores difíceis desde o convívio como os integrantes do espaço, postura dos professores, meus aprendizados nas metodologias, a distância da escola em Belo Horizonte para Sabará, pelo curso ser à noite

¹⁴ DRT é um registro profissional tirado na Delegacia Regional do Trabalho.

e acabar tarde, foram fatores que me desanimaram muito durante esse percurso, mas eu dei continuidade durante um certo período.

Foi nesse ano também que eu tive a oportunidade de fazer junto a uma companhia chamada Cooperartes o espetáculo infantil “*Tarzan*” em Cuiabá - MT. Foi um momento de intensa entrega e comprometimento com os ensaios e com as apresentações que eram destinadas ao público infantil escolar. Uma experiência que me fez ampliar os meus conhecimentos artísticos e a estabelecer uma relação mais próxima com o universo infantil e sua singularidade.

Em 2014, resolvi me inscrever de novo no processo seletivo do curso de teatro do CEFART. A edição do ano de 2015 passaria a ser gratuita. Por mais que lá fosse uma instituição pública, os alunos dos cursos técnicos pagavam mensalidade e, a partir de suas reivindicações, os boletos foram anulados.

Lembro-me que um amigo na época que iria também cursar essas provas de teatro de fim de ano, me disse assim: *vamos tentar o T.U, agora que o CEFART vai ser de graça vai ser mais difícil de passar*. Mesmo assim eu estava confiante que queria tentar novamente o processo seletivo do CEFART e tentei. Ainda continuei na escola de teatro da PUC até o último momento do ano.

Durante as provas do CEFART, geraram nervosismo e felicidade em cada etapa. Lembro-me da prova prática de interpretação e de ver o professor Walmir José na banca, atento ao final da minha cena. Houve uma pausa um pouco maior da sua parte até eu ser liberada da sala. O que me deixou reflexiva se eu tinha desempenhado uma boa apresentação ou não, logo mais saiu o resultado, passei para as outras etapas, e por fim fui selecionada.

Naquele momento eu pensei: *Falta um semestre para conseguir o DRT na PUC e no CEFART vai ser só daqui a três anos...* refleti um pouco, mas isso não mudou minha decisão em seguir o novo curso. Retornei à PUC para ter um feedback com o coordenador do curso de teatro e comuniquei a minha saída, o que gerou até uma surpresa, pois ele já tinha reparado que meu rendimento no curso não estava bom e talvez eu repetiria o módulo caso eu continuasse lá.

Apesar do curso no CEFART ser mais intenso em questão de carga horária, o Palácio das Artes era no centro da cidade de Belo Horizonte, o que facilitava minha volta para casa à noite. Nesse período eu trabalhava de recepcionista para uma empresa

terceirizada. Foram três anos muito intensos, uma rotina extremamente cansativa, na qual eu passava o dia inteiro em Belo Horizonte e só voltava em Sabará para dormir, o que alguns consideram essas cidades como cidades dormitórios.

Essa rotina de conciliar trabalho e estudo era muito pesada, mas não me desanimava, pois, meu maior prazer era poder ir para as minhas aulas. O que me chateava algumas vezes era a falta de tempo, na qual eu não conseguia me dedicar a uma cena, desenvolver melhor um trabalho prático para apresentar em sala de aula, o que comprometia às vezes o meu rendimento.

No mais, conseguir levar bem o curso nesse período apesar das dificuldades nesse percurso. O CEFART foi um lugar incrível, de muitíssimos aprendizados e um divisor de águas na minha vida.

2.5 A GRADUAÇÃO EM TEATRO

Após passar três anos num curso técnico buscando a minha profissionalização, logo no final do ano de 2017 me deparei com a fala de uma professora do CEFART, Adélia Carvalho que me disse assim: *Vai tentar a graduação? Tenta.* Aquilo para mim era uma novidade, eu nunca tinha sonhado tanto assim com um curso superior a não ser uma vez em Administração, o que era muito recorrente nos anos anteriores, mas agora seria em um curso de teatro.

Eu tinha uma referência muito vaga de uma menina que também havia cursado o Valores de Minas e que tinha passado pela graduação em teatro na UFMG, mas quase não tínhamos contato. Eu não sabia nada, nem imaginava como seria a vida acadêmica e a dedicação e investimentos durante anos a ela.

Eu e meu amigo Carlos Lauro, que era da minha turma do curso técnico do CEFART, resolvemos prestar o vestibular Habilidades, da Escola de Belas Artes, juntos. Era um misto de ansiedade e incerteza sobre o futuro, se íamos ou não continuar nessa caminhada do estudo do teatro. Fizemos todas as provas, passamos em todas as etapas. Pronto! Fomos selecionados para entrar no segundo semestre de 2018. Continuamos ansiosos, pois tínhamos um semestre inteiro antes de começar as aulas.

Apesar dessas emoções o semestre voou e lá estávamos nós calouros da graduação. Num universo completamente novo, gigante e cheio de possibilidades. Me lembro de na primeira semana ter recebido milhares de informações e de não ter conseguido acompanhar todas. Nesse primeiro momento nós ficamos muito perdidos, até começarmos a entender como funcionavam as coisas por lá e a caminhar cada vez melhor.

Na graduação tivemos contatos com várias linguagens, algumas que nós já tínhamos vivenciado fora da faculdade, muitas práticas, a introdução de novas teorias, conceitos e a expansão de um pensamento mais acadêmico, crítico o que abrangia também outras áreas. Confesso que senti essa mudança de ambiente, por ter vindo de um universo técnico com muita prática, fui para a graduação achando que lá também seria assim e não foi.

Na Escola de Belas Artes, tive que começar quase do zero, aprender a caminhar no ritmo dela, precisei dar uma desacelerada e dosar os ânimos. Ao longo dos anos fui emergindo nos estudos, compreendendo as novas áreas, indo ao encontro de novas disciplinas, o que foi mudando o meu comportamento e visão sobre aquele novo momento que eu estava construindo para a minha vida.

Desde o início do curso uma pergunta era recorrente: *você vai para o bacharelado ou licenciatura?* Eu ainda estava um pouco perdida sem saber muito a diferença entre os dois, mas o que mais se resumia era que o bacharelado era voltado para a formação com partes mais práticas, a formação dos alunos como atores, performers e já a licenciatura era voltada para a docência, ligada às práticas da educação e a formação de professores. O que envolvia estágios em sala de aula e esse contato direto com os alunos. Eu caminhei junto com meus colegas, corríamos um pouco dessa pergunta enquanto vivenciávamos os primeiros semestres do curso. Até que chegou um momento decisivo para qual rumo seguir e tivemos que escolher.

Eu tive a impressão após ter saído de um curso técnico que o bacharelado seria parecido com ele, então optei pela licenciatura e também pelo título, seria algo a mais no meu currículo e que me possibilitaria abrir novas portas.

Apesar de muitos professores nos incentivarem a cursar a licenciatura, eu refletia sobre o que a graduação em teatro representava para mim naquela altura do campeonato, por ter passado por cursos livres e técnicos nessa área, senti que nesse momento a graduação representava um complemento deles, na qual eu sentia falta de mais

embasamento teórico e novas práticas relacionadas à docência, o que era uma novidade e uma oportunidade de pensar em ser professora, o que eu nunca tinha imaginado antes.

2.6 A LICENCIATURA EM TEATRO E AS DESCOBERTAS

Após eu decidir cursar a licenciatura vieram os momentos de estágios. Entrei nessa busca por uma escola, primeiro para cursar o estágio I ao acompanhar uma turma dos anos iniciais (1ª a 5ª série). Nesse período vivenciávamos a pandemia do COVID19¹⁵ que era o segundo semestre do ano de 2021. Foi uma fase em que nós alunos tivemos que buscar escolas que estivessem funcionando, o que era raro nesse período seja em formato presencial ou on-line e que tivesse preferencialmente professores de teatro atuando ou no mais professores de arte.

Eu não consegui uma escola regular e a possibilidade de cursar esse primeiro estágio foi a de acompanhar uma turma de curso técnico no T.U. Era uma turma do professor Tarcísio dos Santos Ramos, da disciplina de Expressão Corporal, o que foi uma experiência diferente da sala de aula regular e com alunos que fossem crianças, era uma turma de jovens artistas.

Não vi muita novidade, apesar do objetivo central era ver como o professor se portava, como ministrava suas aulas, o seu plano de aula e a relação que ele estabelecia com os alunos. Diferente de uma sala de aula convencional, os alunos estavam ali querendo aprender teatro, então tinham interesses diferentes, pois todos se comportavam bem e participavam de tudo.

A questão de ser numa escola regular era o tamanho do ambiente e suas influências, como a faixa etária dos alunos, a sua quantidade e os conteúdos que seriam passados durante as aulas, se seguiria um livro didático ou não. Então essa primeira experiência com a turma do curso técnico foi válida, porém eu senti falta desse primeiro contato com a escola regular, de não ter tido contato com uma turma dos anos iniciais e

¹⁵ A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia da doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

pensei também se não teria isso depois, até porque os próximos estágios acompanharíamos outras séries.

Fiquei com uma sensação de que não saberia lidar com essas crianças, porque os estágios nos dão essa base, e sem esse contato direto poderia dificultar a minha relação e interação com elas futuramente. Fiquei me sentindo incompleta durante um tempo, e ainda com uma vontade de desenvolver alguma atividade com esse público infantil o que poderia me fazer crescer mais como professora em formação e ter um maior domínio de práticas docentes. Em seguida, caminhei para o estágio II que era voltado para a construção de proposta para regência no ensino de teatro, o que abrangia planejamento de ensino-aprendizagem e elaboração de projetos.

Logo mais, passei para o estágio III, anos finais de 6^a a 9^a série. Como eu trabalho no centro de Belo Horizonte pesquisei escolas nas redondezas. Entrei em contato com várias escolas e em todas elas tive questões, seja por falta de vaga ou os horários das turmas baterem com meu trabalho de manhã, por fim eu já estava pensando numa escola em Sabará, no meu bairro mesmo. Era a minha antiga escola, a mesma que eu assisti aquela apresentação de teatro que me marcou nos meus anos iniciais: A Escola Estadual Elísio Carvalho de Brito. Meu primeiro contato e primeira experiência com a educação básica, enquanto estudante da licenciatura, se deu, em retorno a essa escola.

Entre em contato com a secretaria por e-mail e me orientaram a ir lá já conhecer a professora de Artes. A professora se chamava Hosana, descobri que morava umas ruas acima da minha casa. Ela me recebeu muito bem, foi me explicando ao longo do estágio coisas essenciais sobre o cargo como carga horária, salário, vagas, essas demandas administrativas, o que para mim que não sabia nada, foi me dando um norte maior sobre aquele universo. Eu senti mesmo que ela queria que eu fizesse parte daquilo tudo, que eu fosse uma professora, e eu ainda estava no início dessa descoberta, o que gerou muitos sentimentos e reflexões sobre o ofício.

Eu acompanhei sete turmas com essa professora: duas de 6^a série, duas de 7^a série, duas de 8^a e uma de 9^o ano - que era uma turma integral. Nessa última turma, os alunos ficavam o dia inteiro na escola, acabei por reparar que mesmo com tempo disponível e pela

proposta pela continuidade de estudos ser interessante, eles não tinham tantas atividades para fazerem, o que os deixavam alguns momentos ociosos e dispersos.

Nesse acompanhamento com a professora Hosana, tive uma ampliação do que é estar à frente de uma turma, do que é aprender a ser uma professora, como diz Ricardo Carvalho de Figueiredo (2015) “[...] é na escola, produzida pelos sujeitos em suas múltiplas interações no cotidiano, que de fato, temos um aprendizado do que é ser professor.” (FIGUEIREDO, 2015. p.141).

Eu observava tudo e todos e era observada. Cada turma tinha sua característica específica, isso era muito interessante, e a diversidade das faixas etárias e como elas se manifestavam naquele ambiente e se afirmavam, umas mais difíceis de lidar, outras mais fáceis. Observei o plano de aula da professora e sua diversidade de ensino, muito pautado nas Artes Visuais, mas que durante o percurso me permitiu experimentar vivências do teatro.

O ambiente escolar é um espaço muito rico, pois aprendemos a nos colocar e a nos vermos como um sujeito em processo de formação. Alguém que está buscando se tornar parte do corpo docente e a pensar em formas de como construir uma escola melhor, que tente atender as necessidades dos alunos e da interação e relação entre os profissionais que regem aquele espaço de ensino e aprendizagem.

Essa escola me deu um grande embasamento pedagógico. Eu estava feliz por estar retornando aquele ambiente que me acolheu durante anos e que também foi base para minha formação escolar e agora poder voltar com um olhar mais atento e experiente sobre as formas de ensino e estabelecer uma outra relação com a educação.

A professora Hosana dizia gostar de teatro e em algumas aulas eu propus jogos teatrais¹⁶ e de improvisação¹⁷ para os alunos. Muitos jogos se davam melhor pelo tempo e pela menor quantidade de alunos com a turma integral do 9º ano. Eles gostavam dos jogos e

¹⁶ Método de Ensino Teatral que possui como grande difusora a diretora e autora teatral Viola Spolin norte-americana nascida em 1906 e possui seu trabalho reconhecido mundialmente.

¹⁷ Termo retirado das experiências com “sistema Impro” do livro MUNIZ, Mariana Lima. Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador. Belo Horizonte - Editora UFMG, 2015.

eu percebi que um jogo marcou muito um aluno, pois sempre que ele me via falava: *Professora, vamos jogar Status!*¹⁸. Ele gostou muito da primeira experiência que teve e queria que repetíssemos mais vezes durante os nossos encontros. Pude reparar o que cada um trazia para as atividades, referências de uma realidade muitas vezes difícil relacionada a violências, armas entre outras.

O tempo para as aulas era muito curto: cinquenta minutos por turma; dois dias na semana - segunda e sexta. A professora sempre tentava dar continuidade a aula anterior, reparei que em cada turma ela trabalhava um tema diferente. Ela trabalhou como a 6ª série combinações de cores e desenhos simples, como elementos da natureza; com a 7ª série a construção de história em quadrinhos e com a 8ª série história da arte, teve até a introdução do teatro do oprimido¹⁹, mas que não se desenvolveu muito e já com o 9º ano eu ficava às vezes por conta de administrar aulas que eram voltadas para os jogos teatrais.

Nessa escola eu enquanto licencianda em teatro consegui levar algumas propostas e exercer algumas práticas, dentro da sala de aula ou na quadra. Como afirma Figueiredo (2015) “É no próprio contexto da escola que o futuro professor construirá habilidades para lidar com a prática artístico-pedagógica.” (FIGUEIREDO, 2015.p.141).

Percebi também como uma profissional da educação tem tão pouco tempo com os alunos para poder trazer um conteúdo interessante e que conseguisse desenvolver bem com eles. Infelizmente é uma realidade que não tem perspectiva de mudança, até o momento.

Uma experiência que me marcou durante esse estágio foi quando a professora não iria dar aula, pois ela tinha feito um teste de Covid²⁰ e estava esperando o resultado. Nesse momento eu pensei em propor alguma prática com as turmas da 6ª e 8ª séries. Eu tinha

¹⁸ Escada de Status é um exercício que está disponível na obra “*Improvisação como espetáculo - Processo de criação e metodologias de treinamento do ator improvisador*” (2015) escrito por Mariana Lima Muniz, atriz, diretora e professora do curso de graduação em Teatro da UFMG.

¹⁹ O Teatro do Oprimido é uma forma teatral que teve seu método desenvolvido por Augusto Boal na década de 1970 no Brasil. Traz uma reflexão sobre a relação entre oprimido e opressor, visando a transformação da realidade através de exercícios cênicos. Para mais informações, acesse o site: <https://www.todoestudo.com.br/artes/teatro-do-oprimido> Acesso em: 07/08/2024

²⁰ Testes para COVID-19, que permitem saber se a pessoa está infectada pelo coronavírus ou se, em algum momento, já teve contato com o vírus. Acesso em: 07/08/2024. Fonte: <https://www.tuasaude.com/duvidas-sobre-o-teste-de-coronavirus/>

feito um planejamento diferente para as duas: Para o sexto ano eu pensei em práticas maiores, com um exercício que envolvesse toda a sala, e com o oitavo ano uma prática de desenho improvisado em dupla.

Na primeira turma do sexto ano, começou bem a minha interação com os alunos. Propus uma dinâmica de aproximação e logo mais um exercício. Eu percebi logo nesse primeiro horário o quão difícil era reger uma sala de aula, até mesmo pelo fato de eu ser apenas uma estagiária em artes e não ser a regente titular. Fui ingênua ao ponto de achar que todos iriam participar da atividade que eu havia proposto, uma média de trinta alunos, e vi que não foi bem assim.

A dinâmica era simples: consistia em todos os alunos estarem do lado de fora da sala em fila e eu na porta. Na parede havia três desenhos colados: *Um oi, um aperto de mão e um abraço*. Cada aluno tocava em algum desenho e depois fazia o gesto em minha direção. Era uma dinâmica para eu ver também qual era o grau de proximidade comigo depois de estar presente em algumas aulas junto à professora Hosana.

Figura (1): Parede da sala de aula, lado externo



Fonte: Arquivo pessoal

Fiz um exercício para eles falarem o nome e realizarem um movimento e os colegas repetirem. Depois fiz um exercício da foto na qual eu dava um tema e eles faziam uma pose de acordo com ele, por exemplo: Atletas. Nisso eles se identificavam com seu

esporte favorito, um ídolo ou uma pessoa de referência e se espelhavam neles na hora de representar:

Figura (2): Exercício da foto tema atletas - Turma 6º ano



Fonte: Arquivo pessoal

Parte da turma recebeu bem a minha proposta do exercício e a outra parte não interagiu como eu achei que poderiam. Finalizei a atividade com essa turma bem assustada, pois vieram muitas demandas ao longo dos 50 minutos, e eu tive que tentar manter o controle dos alunos, o que achei difícil para esse primeiro momento.

Caminhei para a turma seguinte do oitavo ano, me lembro de ter proposto um desenho para eles improvisarem em dupla. A proposta era deles criarem um rosto e cada aluno só poderia fazer um traço por vez, nisso iam dando forma aos seus detalhes e ao final dariam um nome a esse personagem um por vez, de letra em letra. Essa era uma turma mais tranquila, mais séria, receberam bem a atividade, não tive questões. Nesse momento você começa a ver e entender melhor a energia de cada grupo e a lidar com ele. Após essa segunda turma, eu fui de encontro a outra turma do sexto ano, e mais um desafio estava pela frente.

Essa turma era um pouco mais tranquila, mas não deixava de ter essa energia mais dispersa. Realizei as mesmas propostas da turma anterior. Durante os exercícios dentro de sala aconteceram muitas coisas que eu nem imaginava nessa turma, metaforicamente eu me senti um funcionário “polvo” com vários braços tentando administrar todas as demandas que ia surgindo.

Enquanto eu propunha os exercícios, tinha alunos que pediam para ir ao banheiro, outros que começaram a brigar, outro passando mal, uma que quebrou os óculos, outros quietos, outros do lado de fora da sala e outros me perguntando o que fazer no exercício cênico que eu propus. Foram muitas informações ao mesmo tempo e eu como uma professora em formação fiquei um pouco assustada com todas elas.

Por um outro lado senti que valeu a pena essa primeira tentativa de me expor, de me colocar ali a frente da turma, a princípio desconhecida. Uma aluna ao final disse: *Eu gostei da aula!* Aquilo foi muito gratificante, pois eu reparei no seu semblante feliz que aquilo realmente tinha feito algum sentido para ela. Eu guardei isso com carinho e saí dessa turma e fui finalizar as atividades com a outra turma do oitavo ano. Ainda estava agitada internamente com tudo, mas assim como a primeira turma do oitavo ano, essa também foi tranquila, serviram para intercalar a energia nesse processo.

Este foi um dia que eu considero que tenha me colocado a prova, entre erros e acertos, tirei vários aprendizados, como nos aponta Figueiredo (2015) “[...] a constituição das habilidades docentes do professor em formação se dá quando em contato com o professor-veterano, com os educandos e, portanto, com todo o ambiente escolar.” (FIGUEIREDO, 2015. p.142). Nessas trocas nós ainda enquanto licenciandos em teatro aprendemos muito com o olhar e escuta abertos, percebemos como as relações se constroem e fluem naquele ambiente trazendo proximidades e novas formas de diálogos.

Essa sem dúvidas foi a experiência mais desafiadora e potente que eu vivenciei dentro da escola básica e que contribuiu de forma significativa na minha trajetória formativa enquanto futura professora de teatro.

Figura (3): Professora Hosana realizando uma atividade prática na quadra da escola.



Fonte: Arquivo pessoal

A imagem acima retrata o momento em que a professora Hosana realiza uma atividade com uma das turmas da 9ª série na quadra da escola. A atividade consistia na criação de uma cena entre duas pessoas e o diálogo entre elas teria que começar sempre com a letra que fosse apresentada para a dupla. Num outro momento eu propus também para a turma de 7º ano um jogo de criação de cenas que consistia de uma aluna fazer uma pose, enquanto os outros colegas de fora a assistiam e em seguida entrava na cena com alguma pose que dialogassem com a aluna e assim sucessivamente até criar uma foto maior. Nisso eu perguntava um por um quem eram eles naquele contexto e quem eles estavam representando.

Figura (4): cena de um grupo de alunos de uma das turmas de 7º ano



Fonte: Arquivo pessoal

Para eu conhecer um pouco mais sobre o perfil dos estudantes, apliquei ao final do estágio em formato impresso um questionário ²¹cultural de forma ampla, abrangendo várias áreas a fim de coletar dados básicos dos alunos e diagnosticar suas realidades, personalidades, o nível de instrução cultural e os seus possíveis desejos mediante a comunidade em Sabará. As perguntas foram feitas de formas livres, o que poderia ou não emitir suas opiniões. Foram respondidas por 6 turmas: duas de 6ª série, duas de 7ª e duas de 8ª. A 9ª série não emitiu registro, provavelmente por não estarem presentes no horário da aplicação do questionário.

A seguir encontram-se três questionários respondidos pelos alunos da 6ª, 7ª e 8ª séries no dia 11/07/2022.

²¹ O questionário foi entregue em formato impresso e respondido pelos estudantes ao final da aula de Arte, para as turmas.

Figura (5): Questionário diagnóstico do aluno Devanilson da turma de 6ª série da Escola Estadual Elísio Carvalho de Brito

QUESTIONÁRIO CULTURAL - SABARÁ

NOME: Devanilson Junio Da Silva SÉRIE: 6ª DATA: 11/07/22

SEXO: () F () M () PREFIRO NÃO DECLARAR

1 - MARQUE A(S) OPÇÃO (ÕES) QUE VOCÊ CONHECE:

() ONG AFFAS (AÇÃO FAÇA UMA FAMÍLIA SORRIR)

() PRAÇA MELO VIANA (CENTRO)

() IGREJAS HISTÓRICAS

MUSEU DO OURO

TEATRO MUNICIPAL

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

() CHAFARIZ KAQUENDE

() CENTRO CULTURAL JOSÉ DA COSTA SEPULVEDA - CINE TEATRO BANDEIRANTES

() GUARDA DE MARUJO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (CONGADO)

GRUPO TEATRO KABANA (MARZAGÃO)

TEATRO DA SEMANA SANTA

() RANCHO DA CULTURA (POMPÉU)

FESTIVAL DA JABUTICABA () FESTIVAL DO ORA-PRO-NÓBIS

2 - HÁ ALGUM OUTRO LUGAR QUE VOCÊ CONHECE E NÃO FOI CITADO ACIMA? SE SIM, QUAL, QUAIS? Não

3 - VOCÊ JÁ ASSISTIU ALGUMA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA? (TEATRO, DANÇA, MÚSICA, CIRCO, ARTES VISUAIS...) SE SIM, ONDE FOI? teatro e circo

4 - JÁ PARTICIPOU OU PARTICIPA DE ALGUMA ATIVIDADE ARTÍSTICA? (AULAS, OFICINAS, GRUPO...) SE SIM, O QUÊ? não participa

5 - O QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA MELHORAR EM RELAÇÃO AO ACESSO AS ARTES E A CULTURA DA NOSSA CIDADE? ter cantares e melhorar a acessibilidade.

Fonte: Arquivo pessoal

Figura (6): Questionário diagnóstico da aluna Zélia da turma de 7ª série

QUESTIONÁRIO CULTURAL - SABARÁ

NOME: Zélia Mara Gomes de Barros SÉRIE: 7ª DATA: 11/09

SEXO: () F () M PREFIRO NÃO DECLARAR

1 - MARQUE A(S) OPÇÃO (ÕES) QUE VOCÊ CONHECE:

ONG AFFAS (AÇÃO FAÇA UMA FAMÍLIA SORRIR)

() PRAÇA MELO VIANA (CENTRO)

() IGREJAS HISTÓRICAS

MUSEU DO OURO

TEATRO MUNICIPAL

() BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

() CHAFARIZ KAQUENDE

() CENTRO CULTURAL JOSÉ DA COSTA SEPULVEDA -CINE TEATRO BANDEIRANTES

() GUARDA DE MARUJO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (CONGADO)

GRUPO TEATRO KABANA (MARZAGÃO)

() TEATRO DA SEMANA SANTA

() RANCHO DA CULTURA (POMPÉU)

FESTIVAL DA JABUTICABA FESTIVAL DO ORA-PRO-NÓBIS

2 - HÁ ALGUM OUTRO LUGAR QUE VOCÊ CONHECE E NÃO FOI CITADO ACIMA? SE SIM, QUAL, QUAIS?

Não

3 - VOCÊ JÁ ASSISTIU ALGUMA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA? (TEATRO, DANÇA, MÚSICA, CIRCO, ARTES VISUAIS...) SE SIM, ONDE FOI?

Sim, Grupo teatro kabana (marzagão)

4 - JÁ PARTICIPOU OU PARTICIPA DE ALGUMA ATIVIDADE ARTÍSTICA? (AULAS, OFICINAS, GRUPO...) SE SIM, O QUÊ?

Sim, aula de desenhos

5 - O QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA MELHORAR EM RELAÇÃO AO ACESSO AS ARTES E A CULTURA DA NOSSA CIDADE?

Eu acho que poderíamos adicionar mais aulas de arte

Fonte: Arquivo pessoal

Figura (7): Questionário diagnóstico da aluna Camily da turma de 8ª série

QUESTIONÁRIO CULTURAL - SABARÁ

NOME: Camily Victoria Gomes da Silva SÉRIE: 8º ano DATA: 11/07/22

SEXO: F () M () PREFIRO NÃO DECLARAR

1 - MARQUE A(S) OPÇÃO (ÕES) QUE VOCÊ CONHECE:

() ONG AFFAS (AÇÃO FAÇA UMA FAMÍLIA SORRIR)

() PRAÇA MELO VIANA (CENTRO)

IGREJAS HISTÓRICAS

MUSEU DO OURO

TEATRO MUNICIPAL

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

CHAFARIZ KAQUENDE

CENTRO CULTURAL JOSÉ DA COSTA SEPULVEDA -CINE TEATRO BANDEIRANTES

() GUARDA DE MARUJO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (CONGADO)

GRUPO TEATRO KABANA (MARZAGÃO)

() TEATRO DA SEMANA SANTA

RANCHO DA CULTURA (POMPÉU)

FESTIVAL DA JABUTICABA FESTIVAL DO ORA-PRO-NÓBIS

2 - HÁ ALGUM OUTRO LUGAR QUE VOCÊ CONHECE E NÃO FOI CITADO ACIMA? SE SIM, QUAL, QUAIS?

Não

3 - VOCÊ JÁ ASSISTIU ALGUMA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA? (TEATRO, DANÇA, MÚSICA, CIRCO, ARTES VISUAIS...) SE SIM, ONDE FOI?

Sim, cine teatro Bandeirantes

4 - JÁ PARTICIPOU OU PARTICIPA DE ALGUMA ATIVIDADE ARTÍSTICA? (AULAS, OFICINAS, GRUPO...) SE SIM, O QUÊ?

Não

5 - O QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA MELHORAR EM RELAÇÃO AO ACESSO AS ARTES E A CULTURA DA NOSSA CIDADE?

Que seja mais perto do minha casa!! ✓

Fonte: Arquivo pessoal

Através desses três questionários podemos identificar vários pontos sobre a realidade de cada aluno (a) e de sua respectiva série. Segundo Koudela (2002):

Os conteúdos de Arte buscam acolher a diversidade do repertório cultural que o aluno traz para a escola e trabalhar os produtos da comunidade em que a escola está inserida. São articulados com vistas ao processo de ensino e aprendizagem na escola e foram explicitados por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. A apreciação e o estudo da Arte devem contribuir tanto para o processo de criação dos alunos, como para a experiência estética e conhecimento da arte como cultura. (KOUDELA, 2002, p.233)

Esse questionário foi de extrema importância enquanto eu futura professora a fim de conhecer o contexto da realidade dos estudantes e ver o que mudou em relação ao meu percurso escolar, incluindo meus acessos até os dos atuais estudantes. Percebi que o Grupo Teatro Kabana foi assinalado nos três questionários, isso significa que eles continuam sendo referência de arte e cultura na nossa cidade. A aluna Zélia reforça ao citar o grupo teatral novamente em resposta à pergunta de número 3.

Essa pequena pesquisa me fez ter um olhar mais atento às demandas da comunidade, frisando as oportunidades de acessibilidade e me fez pensar em práticas futuras que dialoguem com propostas pedagógicas e que venham a me fazer experimentar outras formas de me comunicar melhor com a sociedade em que vivo.

Ao final desse estágio, caminhei para o estágio IV. Nesse módulo eu precisei cursar em duas escolas diferentes por conta do tempo e da carga horária a cumprir na universidade.

A primeira escola foi o Centro Pedagógico²² (CP) da UFMG e a segunda o CICALT, onde além dos cursos artísticos ofertados residia uma escola regular/EJA²³ - Educação de Jovens e Adultos, à noite que diziam ser pela antiga Escola Estadual Professora Amélia de Castro Monteiro. Em ambas as escolas eu acompanhei também professoras de Artes Visuais. No CP a escola tinha uma boa infraestrutura com salas bem equipadas e com materiais para atenderem as demandas das atividades dos estudantes.

²² O Centro Pedagógico é a Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

²³ A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade criada pelo Governo Federal destinada a quem não teve acesso à educação na escola convencional. Especialmente voltada a adultos, permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores posições no mercado de trabalho.

Recordo-me de duas aulas vivenciadas nesse espaço que eu achei interessantes: que foi a construção de uma máscara de papel bem colorida junto a turma da professora Íris Segundo e do professor Carlos Lauro e de uma atividade que eu realizei com a turma da Íris de contação de história a partir de objetos. Essa atividade partiu de uma apresentação de uma colega de turma numa das disciplinas de estágio junto ao professor Vinícius Lírio da Faculdade de Educação (FAE) da UFMG. Eu achei que seria uma atividade interessante para ser compartilhada com a turma da EJA com o objetivo de trazer à memória dos estudantes fatos e acontecimentos que foram vivenciados ao longo de suas vidas a partir daqueles objetos.

No CICALT, foi um momento de reacender várias memórias. Pois vivi meus anos iniciais da vida artística naquele espaço e atualmente vive uma outra configuração de logística e atendendo outras demandas da rede escolar e de cursos formativos. O espaço do CICALT estava bem sucateado, com vários danos na infraestrutura, o que não atendia bem às demandas das turmas, mas que se mantinham de pé como forma de resistência já que tinha uma história e a mantinha viva. Nessa escola lidei com alunos de faixas etárias diferentes, em sua maioria jovens, mas tendo alguns mais velhos retornando aos caminhos dos estudos na EJA.

Nesse estágio participava de uma ou outra atividade junto à professora Maria José. A relação das artes nessa escola era pouca trabalhada, algumas passagens de teorias no quadro e poucas atividades práticas. A escola apresentava recursos escassos e não tinha um ambiente atrativo que estimulasse os alunos, o que não despertava muito o interesse deles em interagir na sala de aula. Reparei que a energia era diferente, muitos vinham do trabalho e à noite dificultava essa participação. Concluí meu último estágio nesses espaços e com essas respectivas observações ao longo desses percursos. De modo geral, achei as demandas desses dois estágios mais intensas, seja pela relação com as infraestruturas ou com a rotina diurna correlacionada com a noturna dos estudantes, o que afetava diretamente em seus interesses e rendimentos, mas em sua maioria eu via o desejo em se formar, em concluir mais aquela etapa, senti que eles viam nos estudos uma esperança e uma garantia de uma vida melhor.

3 HORA DA AÇÃO!

Neste capítulo serão abordados os exercícios como docente que desenvolvi ainda enquanto discente da licenciatura em Teatro da UFMG, agora expandidos para o projeto do Studio Pratique e Dance em Sabará - MG, através das práticas metodológicas utilizadas, sendo os Jogos Teatrais de Viola Spolin (2015), os Jogos Improvisacionais do Sistema Impro de Keith Johnstone (MUNIZ, 2015)²⁴, a realização de uma oficina de Cenografias em miniatura e as propostas de criações artísticas realizadas junto aos alunos e a diretora/professora do Studio Pratique e Dance - Juliane Passos.

3.1 O CONVITE À DOCÊNCIA - STUDIO PRATIQUE E DANCE EM SABARÁ - MG

Ainda durante as minhas experiências nos estágios, recebi um convite inesperado, era final de 2022 e uma colega que também havia se formado no CEFART no curso de dança, chamada Juliane Passos me convidou para eu ministrar aulas de teatro em seu Studio no bairro Itacolomi, em Sabará - MG.

Como eu ainda estava em formação, fiquei um pouco reflexiva, pois ainda não era licenciada e achava que seria melhor concluir os meus estudos e ter o título para realmente começar a dar aulas. Porém, percebi que essa poderia ser uma grande oportunidade que me ajudaria a me desenvolver enquanto profissional da área artística e principalmente no meu papel de docente.

Seria uma oportunidade de colocar em prática os meus aprendizados ao longo desses anos e a me ensinar a como interagir e a me relacionar com um público fora da escola básica e retornar com todo o meu conhecimento adquirido nesse tempo para esse espaço localizado em nossa comunidade.

²⁴ O autor Keith Johnstone é trazido na obra *Improvisação Como Espetáculo: Processo de Criação e Metodologias de Treinamento Do Ator-Improvisador*. Editora UFMG, 2015, escrita por Mariana Lima e Muniz, em que apresenta uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem da improvisação, contextualizada nas principais experiências artísticas e técnicas da improvisação como espetáculo a partir da segunda metade do século XX. É resultado de dez anos de pesquisas práticas e teóricas sobre o tema e pretende contribuir para o desenvolvimento técnico e artístico da improvisação tanto como espetáculo quanto nos processos de formação em teatro com adultos e crianças.

Lembrei do meu início quando as artes não eram tão bem fomentadas em Sabará, o quanto que a cidade necessita de políticas públicas que as democratizam e que melhorem a comunicação entre arte e cidadão, ampliando o seu acesso, explorando as potências de seu ensino e aprendizagem. Então, resolvi me assumir como professora da turma de teatro do Studio Pratique e Dance. Realmente foi um desafio para mim que ainda não estava me sentindo completamente preparada para executar essa função, mas percebi que já era hora de agir.

3.2 AS PRÁTICAS METODOLÓGICAS COM O PÚBLICO INFANTIL

O início desta experiência docente teve seu ponto de partida no dia 08 de novembro de 2021, onde pela primeira vez ministrei a disciplina de Teatro no Studio Pratique e Dance. Junto a diretora/professora do Studio estabelecemos um quadro com dias de aulas e horários. As aulas aconteciam a princípio duas vezes na semana, uma hora por dia, segunda e quarta feira, como era um espaço particular as aulas seriam remuneradas. No início dessa jornada fiz um diagnóstico da turma, para conhecer o perfil das alunas. A princípio, foi uma turma de teatro infantil (teatro para crianças) entre 7 e 11 anos, de gênero feminino. Eram crianças moradoras do bairro ou de bairros vizinhos. Algumas conciliavam as aulas de teatro com outras modalidades no Studio, como por exemplo: aula de ballet infantil.

O objetivo era de conhecer mais as alunas, conhecer suas personalidades, o nível de contato com o teatro e o interesse em novas práticas teatrais. Durante esse percurso dentro do Studio houve entradas e saídas de alunas e de um aluno. Tudo era registrado em um diário de bordo. Ele servia para fazer o planejamento das aulas, anotar as atividades que seriam realizadas e novas observações que ocorressem durante as nossas práticas. De acordo com Marina Marcondes Machado (2002) “O Diário de Bordo é a compilação de todas as anotações que um encenador-criador faz durante a escritura, montagem e encenação do espetáculo [...]” (MACHADO, 2002, p. 260) e, ela também nos esclarece que:

Realizar a organização das anotações mais tarde, em um segundo momento, facilita o envolvimento e a entrega do criador-encenador durante o work in process; mais tarde realizar-se-á a reflexão ordenada, por meio da leitura, e da releitura cuidadosa, das anotações. (MACHADO, 2002, p.260)

Desde meus primeiros anos de estudo teatral eu venho colecionando diários de bordo a fim de ter registros das minhas práticas, incluindo sensações, sentimentos, frustrações e evoluções nesse percurso. Visando as práticas no Studio Pratique e Dance eu recorri a esses diários para fazer uma releitura dos meus processos de aprendizagem e para desenvolver as minhas atividades baseando nas aulas que eu realizei junto às turmas e que eu puder em algum momento realizar com outras pessoas ampliando assim a interação delas com a experiência teatral que eu vivenciei.

No início das aulas fazíamos aquecimentos e alongamentos que pudessem aterrizar as alunas na sala de aula e despertar esse estado de presença, diferente do corpo cotidiano. Eu buscava trazer a atenção das alunas para aquele espaço e mostrá-las que ali era um lugar possível de se expressarem livremente, que pudessem experimentar seus corpos numa forma de andar diferente, de se movimentarem em planos diferentes (alto, médio e baixo) de usarem sua voz com sons variados e sem julgamentos, pois o teatro é esse espaço de identificação e reconhecimento de suas potencialidades e fragilidades, um lugar destinado a experimentar erros e acertos.

Um dos primeiros exercícios que eu realizei com a primeira turma do Studio no ano de 2021 foi o *jogo teatral Máquina*²⁵ que faz parte da obra “Jogos Teatrais - O Fichário de Viola Spolin” (2015). Esse foi um exercício que eu fiz pela primeira vez no curso de teatro do Valores de Minas em 2010, no módulo II - Multiplicadores na disciplina de metodologia do teatro com o professor Régis dos Santos.

Esse exercício trabalha o olhar, a escuta atenta, a compreensão da proposta da cena, a criatividade em propor movimentos e sons que dialogassem com o tema proposto por mim.

- *Jogo teatral Máquina*: O foco desse jogo era tornar-se parte de um objeto maior. Nesse exercício uma aluna se posicionou no meio da sala e fez um movimento seguido de um som e seguiu repetindo-os. Já de início um tema as direcionou, a primeira seria a máquina do amor. Cada aluna entrava em cena com seu

²⁵ O jogo de Máquina faz parte de uma coleção da autora Viola Spolin, e em caso de interesse nesse e em mais jogos sugiro a leitura do material referência SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

movimento e som compondo aquela máquina, criando assim um objeto maior. Eu estava como regente determinando o ritmo que a máquina se encontrava ora rápida, ora lenta. Além da máquina do amor, elas experimentaram a máquina da porcaria: uma máquina que estava prestes a estragar, nisso exploraram outros tipos de sons e movimentos até no final ela dar um pane e parar de funcionar de vez.

Caminhando como as propostas das atividades, eu trouxe alguns jogos teatrais desenvolvidos por Viola Spolin (2015) e os exercícios de improvisação do Sistema Impro, proposto por Keith Johnstone (MUNIZ, 2015) aprendido na disciplina Oficina de improvisação II proposto pela professora Mariana Lima Muniz - UFMG com o intuito das alunas se divertirem mais com as práticas, agindo assim sobre a espontaneidade de seus gestos e trabalhando sobre os temas criando outras relações com a cena.

Ter passado por esse embasamento teórico e prático possibilitou experimentar o meu corpo ainda enquanto discente do curso e logo mais poder compartilhar essas atividades em outras vivências fora da universidade, nesse caso no próprio Studio. Como eu estava lidando com um público infantil, primeiramente precisei observar a sua energia, o nível de engajamento, a disponibilidade para o novo, as suas formas de se expressar na fala e no gesto, as suas inquietações, provocações e a liberdade em se jogar. Nisso, os jogos teatrais trabalham a comunicação e o desenvolvimento de habilidades dos alunos e das alunas através do discurso, da fala e da escrita, como cita Koudela (1984):

Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. A medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em um jogador criativo. Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser solucionado é o objeto do jogo. As regras do jogo incluem a estrutura (Onde, Quem, O Que) e o objeto (Foco) mais o acordo de grupo. (KOUDELA, 1984. p.43)

Sendo assim, os jogos teatrais desenvolvem a criatividade dos participantes, sua concentração, imaginação, a busca pelo foco e o conhecimento do próprio corpo ao fazer uso dele para expressar sentimentos e se comunicar consigo, com o outro e com o espaço ao seu redor, ampliando suas capacidades de interação com o universo.

De acordo com Koudela (2008), “mais do que mera atividade lúdica, o jogo constitui-se como o cerne da manifestação da inteligência no ser humano. A escola, até hoje, nega o jogo como poderoso instrumento de ensino/aprendizagem” (KOUDELA, 2008, p. 18).

O que poderia já ser experienciado desde o início na escola básica, na qual os estudantes pudessem ter um leque maior de práticas artísticas nas aulas de artes, explorando os desenhos e colagens.

Dentre os jogos realizados em sala de aula do Studio destaco abaixo dois que realizei com as alunas nesse percurso. Eles fazem parte da obra “Improvisação como espetáculo - Processo de criação e metodologias de treinamento do ator improvisador” (2015) escrito por Mariana Lima Muniz, atriz, diretora e professora do curso de graduação em Teatro da UFMG, que nos apresentou a metodologia desenvolvida por Keith Johnstone, o chamado sistema Impro:

Me dá um copo d’água

Todos em fileira. O primeiro jogador, que tem o status alto, pede um copo d’água para o segundo jogador, que está com status baixo, logo depois o segundo se transforma em status alto fazendo com que o terceiro com status baixo o obedeça, e assim sucessivamente.

Stop

Primeira parte: Todos os improvisadores estão se movendo pelo espaço, a partir de uma música ou outro estímulo externo, trabalhando os distintos segmentos de seu corpo, diferentes dinâmicas e diferentes qualidades de movimento. No momento que o treinador diz “stop!” todos devem parar e fixar num movimento. A partir desse gesto, devem iniciar uma pequena improvisação que pode ser somente corporal e abstrata ou se aproximar de uma história, utilizando ou não a voz. O objetivo desse exercício é estimular a escuta do próprio corpo e reagir a partir de uma posição não cotidiana e abstrata. É fundamental um silêncio inicial antes de começar a improvisação, a fim de ouvir a si mesmo e rebotar a partir dessa escuta.

A segunda parte: Segue a mesma dinâmica do exercício anterior, mas realizada entre dois improvisadores que, ao toque de “stop!”, devem começar uma improvisação conjunta, partindo sempre da escuta do gesto congelado. O objetivo aproxima-se aos do exercício anterior, além de trabalhar a escuta individual e a escuta do companheiro, criando uma improvisação em conjunto.

Esses exercícios também podem ser realizados para trabalhar cada um dos motores²⁶. No “stop!” O instrutor nomeia um motor e, ainda a partir da escuta do gesto congelado, o improvisador deve começar sua cena sozinho ou em duplas, trios etc.

Pude perceber através desses jogos e de vários outros executados dentro de sala o grau de facilidade e dificuldades de cada aluno/a e a sua disponibilidade corporal e vocal. Eram exercícios que poderiam demandar agilidade, raciocínio lógico e estado de prontidão. Praticamente todos foram bem recebidos por eles, o que despertou a curiosidade e interesse em quererem saber mais sobre eles. Eles realmente se divertiram bastante durante as nossas aulas e aprendiam a se relacionarem melhor uns com os outros colaborando com as práticas e diminuindo as diferenças entre si e ampliando suas afinidades.

Em alguns poucos momentos eu propus a improvisação a partir de palavras escritas em papezinhos que eram sorteados. A proposta não era trabalhar propriamente a mímica²⁷ em si, mas sim voltar para as ações físicas²⁸ como por exemplo: abrir um presente, fritar um ovo, limpar a casa... enquanto uma aluna realizava a ação as outras assistiam atentamente e tentavam adivinhar qual ação era aquela. De modo geral, eram ações simples que além de trabalhar o olhar de quem assistia, trabalhava o gestual de quem estivesse reproduzindo as ações, que deveriam ser objetivas, de formas claras e que tivessem verdade com os fatos, não somente entregar um movimento sem empregar um certo tipo de energia sobre ele.

3.3 AS ALUNAS OFICINEIRAS: OFICINA DE CENOGRAFIAS EM MINIATURA - GRUPO GIRINO

²⁶ “O motor é uma faísca inicial de uma improvisação, é a premissa com a qual se decide trabalhar a improvisação durante o tempo de preparação dela ou, o que é a mesma coisa, durante a preleção.” (MUNIZ, 2015, p.178)

²⁷ É uma forma de expressão baseada em gestos e movimentos corporais e fisionômicos. PEREIRA, Nilza et al. Título: TEATRO DE MÍMICA: SIMBOLIZAR PARA CONHECER. 2010

²⁸ Ações Físicas: O método das ações físicas foi criado por Constantin Stanislavski. Segundo ele, ações são elementos de comportamento e atividades físicas e vocais - sempre preenchidas por uma intenção, ou seja, por um elemento psíquico. Para aprofundar no assunto, recomendo a leitura do livro “*O Ator Compositor*” de Matteo Bonfitto.

Durante o meu trajeto enquanto estudante da licenciatura percebi a ampliação das minhas habilidades e capacidades e o quanto eu estava disponível para aprender e ensinar coisas novas. Eu vi que o Studio poderia ser um campo de pesquisa interesse onde eu poderia compartilhar além de saberes já adquiridos em minhas formações artísticas, mas também com outras atividades formativas que eu viesse a aprender fora do curso da graduação nesse período. São momentos de investimento em outras ações que também proporcionam um outro tipo de prática artística.

Realizei junto ao Grupo Girino²⁹ Em 2023 uma oficina de Cenografias em miniatura. Resolvi realizar essa oficina com as alunas do Studio. Selecionei alguns materiais para que elas pudessem criar a sua própria caixinha e contar a sua própria dramaturgia através daquele espaço que seria construído. Elas definiram que tipo de ambiente seria aquele, os objetos que fariam parte, atentaram aos pequenos detalhes e as cores, evidenciando assim traços da sua personalidade e estado de espírito em que se encontravam naquele momento, muito sob influência do filme *Barbie* (2023) por usarem a cor rosa como predominante nas composições.

Percebi que trazer outro tipo de atividade prática proporciona outro tipo de vivência, o que expandiria seus olhares e interesses em aprender outras técnicas. Com as Cenografias em miniatura elas exploraram outro tipo de dramaturgia a partir da composição de pequenos espaços e seus componentes.

²⁹ É um grupo de teatro de bonecos e animação de Belo Horizonte que se consolidou numa trajetória de pesquisas direcionadas às infâncias e juventude, reforçando a importância de fomentar trabalhos que valorizam o protagonismo infantil, com consciência estética e conceitual para esse público. <https://grupogirino.com/>

Figura (8): Exercício - Cenografias em miniatura



Fonte: Arquivo pessoal

(Alunas: Crystal, Thaisa, Thaila e Melissa)

Essa atividade me despertou o interesse enquanto professora de teatro em ir em busca de mais conhecimento e de formas variadas para contribuir num repertório diversificado com o objetivo de poder compartilhar outros tipos de experiência aquelas alunas e a outros espaços que eu viesse a lecionar no intuito de multiplicar saberes e proporcionar, mais um tipo de experiência estética e artística.

3.4 MOSTRA DE TRABALHOS DO STUDIO PRATIQUE E DANCE

O Studio Pratique e Dance tem o compromisso de ensinar os alunos um fazer artístico e de promover a arte enquanto espaço de formação e interação com o público em nossa cidade. A partir das apresentações do dia das mães, das mostras de meio de ano e dos espetáculos de fim de ano, criamos junto aos alunos cenas e coreografias para apresentarmos ao público. Isso dá um retorno principalmente aos pais, do investimento que eles têm feito em cada criança e os fazem observar o seu desenvolvimento enquanto ser humano, ampliando suas habilidades e potencialidades.

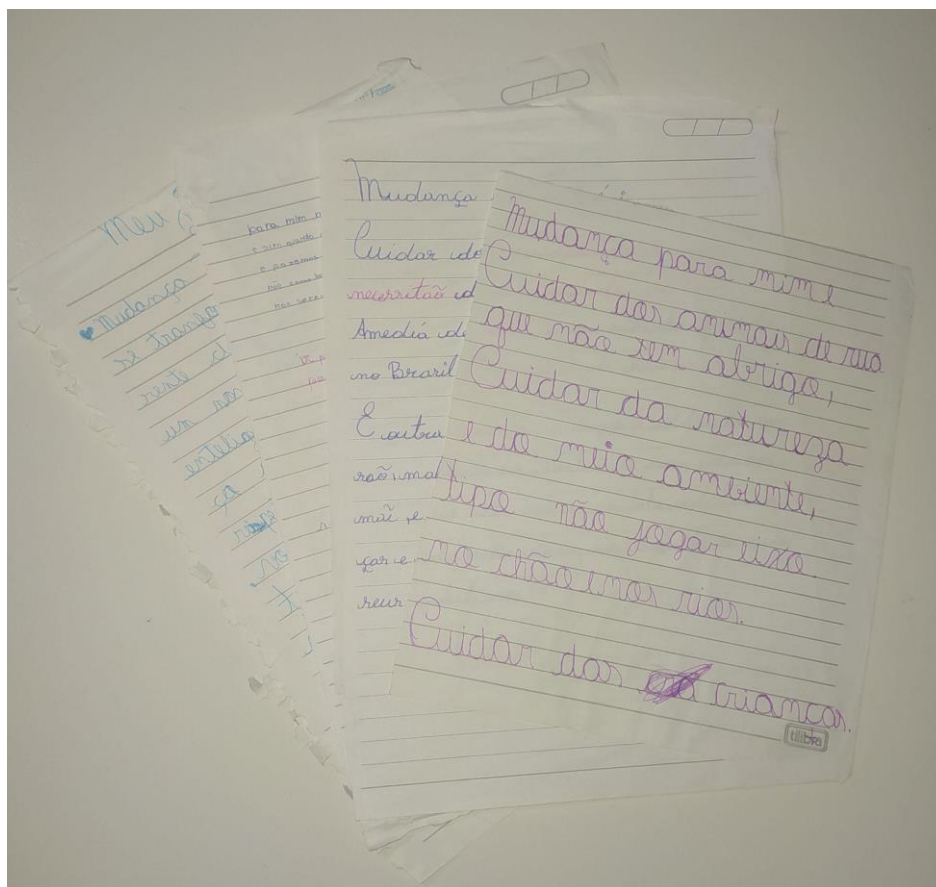
Eu, enquanto professora da turma de teatro, tenho trabalhado de acordo com o tema a escrita e a prática de forma que as alunas tenham autonomia em propor ideias, e de experimentar desejos e de falarem sobre o que determinado tema significa para si. Nesse sentido, Cabral (2008) nos certifica que:

O texto como objeto de um jogo[...] [...]oferece ao professor não apenas um ponto de partida, mas também uma delimitação para suas ações pedagógicas: conceitos e situações a serem investigados cenicamente, fragmentos de texto a serem improvisados, aproximação com o contexto atual dos participantes através de seu cruzamento com memórias, histórias locais, e mesmo outros textos[...]. (CABRAL, 2008, p.36)

Para a mostra de julho de 2023 nomeada **Mudanças**, eu resolvi partir da escrita e de composições de ações físicas com as alunas. Pedi para cada uma que escrevesse o que significava a palavra *mudança* para elas. Feito as escritas elas compartilharam entre si para ver o que a colega havia escrito. Em sequência pedi para que elas apenas pensassem em ações que pudessem representar aquela escrita. Logo mais pedi uma por uma para ler o texto enquanto eu gravava um áudio da sua voz. Feito isso, eu coloquei o áudio para cada uma e pedi para apenas criarem uma movimentação em cima dos significados de suas palavras. E assim cada uma criou a sua partitura física baseada no próprio discurso do que significava mudança para si.

Figura (9): Escritas sobre o significado de mudança para cada aluna

Thaila, Thaissa, Melissa e Crystal



Fonte: Arquivo pessoal

Nós fazemos essa pergunta “Que conhecimentos o aluno adquire ao interagir com o texto e a cena?” (CABRAL, 2008, p.36) Ele pode trazer conhecimentos já adquiridos para vir de encontro com o fazer teatral possibilitando práticas que também alinhem a palavra ao gesto, criando-se assim composições que relacionem as duas formas de se expressar o que pode nos mostrar as suas particularidades.

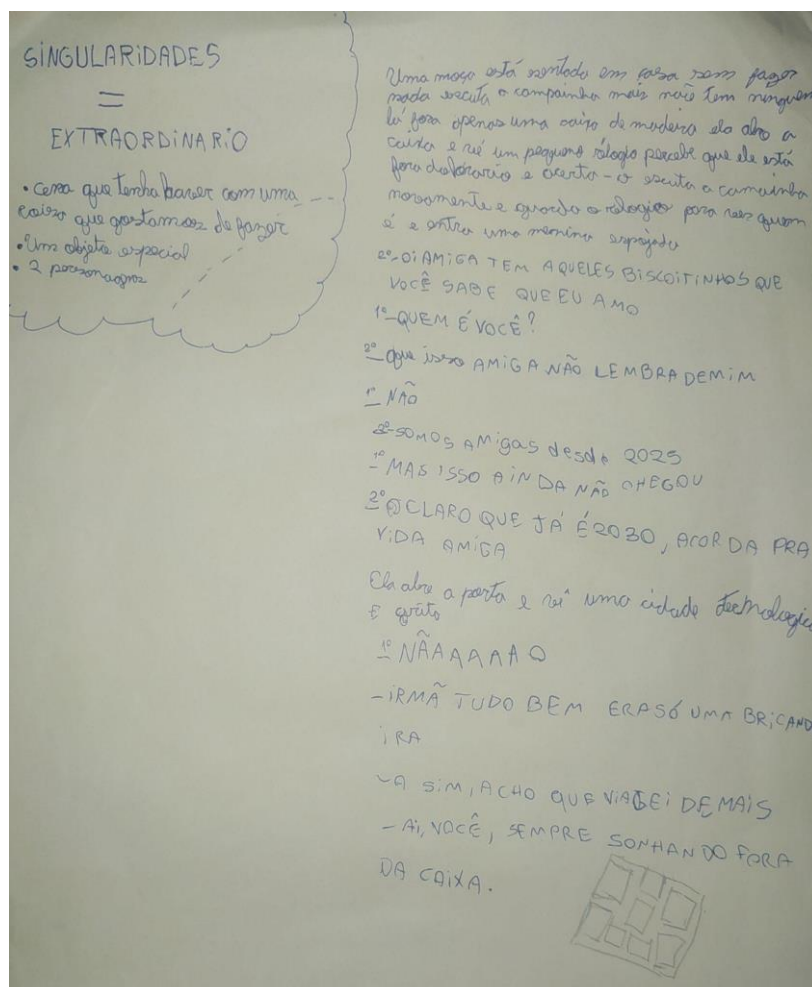
Na proposta de cena para a mostra de julho de 2024, o tema foi *Singularidades*. Eu também realizei o exercício da escrita e pedi para as atuais alunas Thaissa e Thaila para escreverem o que significava singularidade para elas. Cada uma criou um sentido da palavra e criaram uma cena. Elas utilizaram de alguns termos que eu aprendi na disciplina Práticas de ensino C: Laboratório de Práticas Teatrais Dramatúrgicas na graduação em

teatro através de textos compartilhados nas aulas da professora Marina Marcondes Machado - UFMG, sobre os *verbetes*.

Os *verbetes* exploraram a relação entre o diálogo entre as personagens, o conflito, noções de tempo e espaço da cena entre outros elementos. Podemos citar como exemplo o *conflito* como descrito no trecho verbetes do dicionário de Teatro de Patrice Pavis (2008, p. 67): “o conflito dramático resulta de forças antagônicas do drama. Ele acirra os ânimos entre duas ou mais personagens, entre duas visões de mundo ou entre posturas diante de uma mesma situação”.

Abaixo veremos o diálogo criado entre duas personagens:

Figura (10): Texto sobre o significado de singularidades para a aluna Thaisa



Fonte: Arquivo pessoal

“Uma moça está sentada em casa sem fazer nada escuta a campainha mais não tem ninguém lá fora apenas uma caixa de madeira ela abre a caixa e vê um pequeno relógio percebe que ele está fora do horário e acerta-o escuta a campainha novamente e guarda o relógio para ver quem é e entra uma menina espojada

2º - OI AMIGA TEM AQUELES BISCOITINHOS QUE VOCÊ SABE QUE EU AMO

1º - QUEM É VOCÊ?

2º - QUE ISSO AMIGA NÃO LEMBRA DE MIM

1º - NÃO

2º - SOMOS AMIGAS DESDE 2025

1º - MAIS ISSO AINDA NÃO CHEGOU

2º - O CLARO QUE JÁ É 2030, ACORDA PRA VIDA AMIGA

Ela abre a porta e vê uma cidade tecnológica e grita

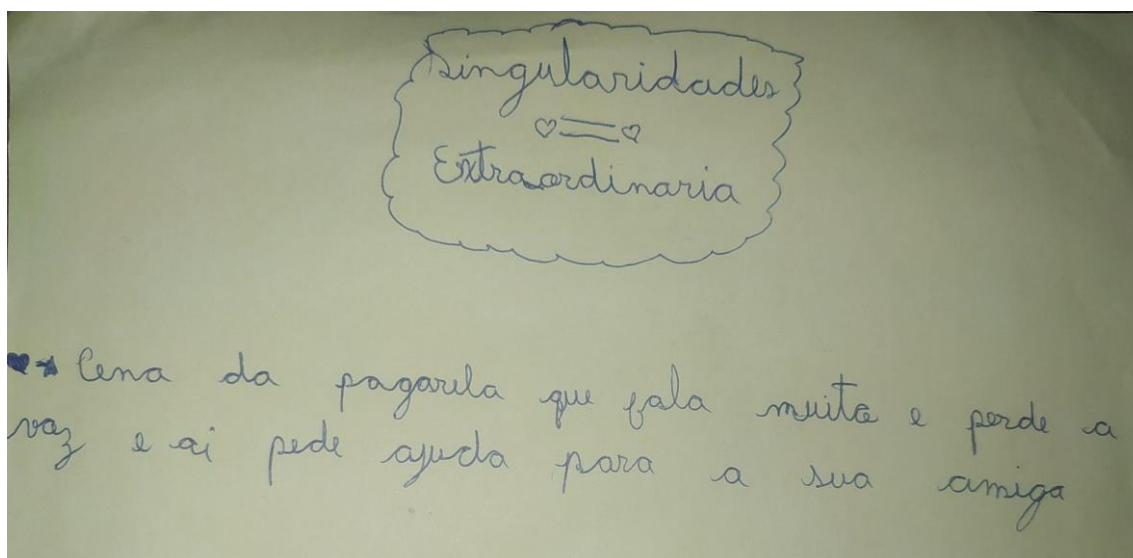
1º - NÃAAAAAO

- IRMÃ TUDO BEM ERA SÓ UMA BRINCADEIRA

A SIM, ACHO QUE VIAJEI DEMAIS

- AI, VOCÊ, SEMPRE SONHANDO FORA DA CAIXA.”

Figura (11): Texto da aluna Thaila



Fonte: Arquivo pessoal

Esses exercícios apresentados às alunas lhe deram mais autonomia e liberdade para criarem em cima do tema e para se sentirem mais à vontade com a composição através

dos elementos que envolvem uma cena. Vi um retorno positivo nessa prática, pois além de aprenderem a criar o seu repertório de escrita com noções de tempo, espaço, conflito e a relação entre as personagens elas puderam experimentar suas próprias dramaturgias.

Esse foi um primeiro exercício para essa composição, a partir dele amadurecemos mais as cenas e os diálogos entre as personagens ampliando cada situação.

Eu, enquanto professora do Studio, não me vi somente nessa função em dar aulas. Tem sido um campo de muitos aprendizados. Com a regência da turma de teatro infantil eu aprendi a participar de cada processo com um outro olhar, o que me despertou uma maior autonomia e habilidade em gerir aquela turma em cada processo artístico, mudando cada vez a minha postura. Como nos aponta CABRAL (2008):

“O líder ou professor, inserido no processo criativo, pode assumir algumas das funções de um diretor, produtor, encenador ou mesmo espectador; mas, dada a função da atividade, irá além destes propósitos. As tarefas básicas do líder são aquelas de administrar a ação, operar a estrutura, e funcionar como dramaturgista” (O’NEILL, 1995:64 *apud* CABRAL, 2008, p.35 e 36).

Vi nesse percurso que uma professora assume diferentes papéis e como é muito importante esse envolvimento com a turma e a responsabilidade de entregar um trabalho de qualidade ao final de cada módulo, como retorno a comunidade promovendo assim o nosso desempenho enquanto profissional da área e principalmente o aperfeiçoamento das técnicas e aprendizados adquiridos pelas alunas.

Figura (12): Alunas da cena Borboleta Azul na mostra *Mudanças* - julho de 2023

Thaila, Crystal, eu, Melissa e Thaissa



Fonte: Arquivo do Studio Pratique e Dance (2023)

As alunas do Studio também me despertaram o interesse em buscar uma formação complementar dentro da universidade. A partir de um simples aquecimento que elas às vezes propunham chamado por elas de circuito³⁰ O que representava uma corrida em volta da sala tendo como obstáculos pelo caminho sapatos, mesa, bambolês e entre outros objetos, me fizeram pensar nas práticas da Educação Física enquanto mais uma área de aprendizado na qual eu já tenho afinidade com os esportes. Nessa busca pela Escola de Educação Física da UFMG - EEFFTO³¹ Eu me deparei com um repertório variado de disciplinas no curso que envolviam o lazer, a Educação Física, a infância e a juventude e as relações com o esporte no Brasil. Através da disciplina *Ensino de jogos, brinquedos e*

³⁰ O circuito consiste em um tipo de exercício que pode ser controlado por número de repetições ou por tempo, com pequenas pausas de descanso entre uma estação e outra. Disponível em: <https://blogeducacaofisica.com.br/treinamento-em-circuito-o-que-e/> Acesso em: 07/08/2024

³¹ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

brincadeiras ministrada pelo professor José Alfredo Oliveira Debortoli realizei o desejo de trabalhar com crianças pequenas de 4 anos na EMEI³² Alaíde Lisboa - UFMG nos fazendo trabalhar o lúdico com as crianças em meio a contação de história.

Figura (13): Aula na turma Beija-flor - novembro de 2023



Fonte: Arquivo pessoal

Por fim, tenho tido a oportunidade de grandes aprendizados junto ao Studio Pratique e Dance ao longo desse percurso enquanto licencianda da graduação em teatro, o que me tem ensinado em cada prática a ser professora. Com certeza tem sido muito positivo compartilhar todos esses anos de estudo e investimento na área artística e poder transmitir esses saberes para outras pessoas, para irem um pouco mais além dos que elas sabem e proporcionar momentos de mais vivências junto a arte.

³² Escolas Municipais de Educação Infantil, que atendem crianças de 4 a 5 anos e 11 meses;

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ir ao encontro desse processo de escrita me fez lembrar e refletir sobre toda a minha trajetória nos projetos sociais, nas escolas de formação artística e acadêmica. Reforço a importância dos projetos sociais que eu passei em minha vida, pois eles serviram de base para a minha formação e me fizeram acreditar que eu poderia ir além quando eu ainda estava no começo.

Buscar uma formação artística dentro de Sabará não seria possível pela falta de oferta e incentivo nessa área, por isso de me deslocar para Belo Horizonte com o intuito de buscar acesso à cultura, a arte e a conhecimento e não deixar que várias barreiras me fizessem desanimar e desistir de seguir os rumos da aprendizagem e que me fizesse deixar de sonhar e realizar.

Apesar de algumas portas fechadas, portas essenciais foram abertas e novos encontros e novas percepções do fazer artístico vieram contribuir nesse processo de aprendizagem e eu pude me estabelecer de forma mais consistente durante essa jornada.

Ressalto a importância dos estágios realizados pela faculdade nesse retorno à sala de aula e do novo lugar que podemos nos encontrar ao lado dos regentes de turma. Aprender em cada troca e fortalecer a nossa intimidade com a docência, nos tornando mais atentos e abertos à escola e as suas particularidades.

Vejo que a experiência com as alunas e um aluno no Studio Pratique e Dance tem fortalecido o interesse em me fazer docente e me permitido explorar lugares que uma professora possa estar. Hoje tenho uma melhor percepção do que é ser uma atriz multiplicadora por buscar formas de aprender e expandir o conhecimento que adquiri ao longo desse tempo e a manter essa chama sempre acesa de que é possível saber mais, aprender mais e compartilhar mais e que mesmo com barreiras é possível atingir novos objetivos.

Torço pela diminuição dessas barreiras, e que o acesso e democratização do ensino das artes possam alcançar novos lugares, ganhar força e se fazerem presente cada vez mais na vida das pessoas. Que novas práticas metodológicas possam ser experimentadas na busca por uma maior conscientização dos seus corpos e dos seu poder de agir explorando

as suas capacidades e habilidades, tornando-se cada vez mais protagonistas das suas próprias cenas.

Assim, nesse percurso tem um lugarzinho de cada pessoa que fez com que essa jornada fosse mais rica e mais próspera. Eu, enquanto atriz multiplicadora chego a esse lugar de professora quando nem eu mesma imaginava que chegaria até aqui e hoje posso retornar a minha cidade representando o meu papel e lugar na arte.

Que tudo isso possa servir de inspiração para outras futuras atrizes multiplicadoras que sejam cada vez mais protagonistas de suas trajetórias.

Sigo aprendendo, e, sigo multiplicando!

Longe se vai sonhando demais

Mas onde se chega assim?

*Vou descobrir o que me faz
sentir*

Eu, caçador de mim

(Milton nascimento)

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Biange. **O professor-artista: perspectivas teóricas e deslocamentos históricos**. Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 1, n. 10, p. 035-044, 2008.viola
- FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de. **A aprendizagem da docência em teatro através da participação em um projeto de Extensão Universitária**. ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5430>>. Acesso em: 23/07/2024
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **A nova proposta de ensino do teatro**. Sala preta, v. 2, p. 233-239, 2002.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- MACHADO, Maria Marcondes. **O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas**. Sala Preta, v. 2, p. 260-263, 2002.
- MUNIZ, Mariana Lima. **Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, p.67, 2008.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ANEXOS

Autorizações das mães das alunas do Studio Pratique e Dance para uso de imagens.

Termo de autorização de uso de imagem de criança/adolescente

Neste ato, Ranicles Aparecida Silva Souza,
nacionalidade Brasileira, estado
civil Casada, portador(a) da cédula de
identidade 11.8.740.114, inscrito(a) no
CPF 006797260175, residente e
domiciliado(a) Rua Ylaineira 1113
município de Sabara,
estado MG, responsável pelo(a) menor Melissa
Luiza Silva Souza, autorizo o uso da imagem
por fotos para ser utilizada para fins acadêmicos na composição do trabalho de
conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo
o uso da imagem, em todo o território nacional e exterior. Por essa ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada acima seja
reclamado a título de direitos conexos à imagem da criança/adolescente ou a
qualquer outro, assinando a presente autorização.

Sabara (MG), 6 de agosto, de 2024

Ranicles Aparecida Silva Souza

Nome e assinatura do(a) responsável

Termo de autorização de uso de imagem de criança/adolescente

Neste ato, Maralline Ribeiro Massardi
nacionalidade Brasileira, estado MG
civil casada, portador(a) da cédula de
identidade MG 15813888, inscrito(a) no
CPF 07895397648, residente e
domiciliado(a) R. Parvalho de Brito, nº 512b
Sabara, município de Sabara,
estado Minas Gerais, responsável pelo(a) menor Crystal
Ribeiro Massardi, autorizo o uso da imagem
por fotos para ser utilizada para fins acadêmicos na composição do trabalho de
conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo
o uso da imagem, em todo o território nacional e exterior. Por essa ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada acima seja
reclamado a título de direitos conexos à imagem da criança/adolescente ou a
qualquer outro, assinando a presente autorização.

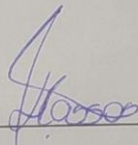
Sabara, 06 de Agosto, de 2024

Maralline Ribeiro Massardi
Nome e assinatura do(a) responsável

Termo de autorização de uso de imagem de criança/adolescente

Neste ato, Tatiane Pereira Passos
nacionalidade brasileira, estado
civil casada, portador(a) da cédula de
identidade MG. 10.417.838, inscrito(a) no
CPF 054.788.006-51, residente e
domiciliado(a) Rua Itaipava, 150 - B. Itacolomi
Sabara, município de Sabara
estado Minas Gerais, responsável pelo(a) menor Thaíla Lavine
Passos Silva, autorizo o uso da imagem
por fotos para ser utilizada para fins acadêmicos na composição do trabalho de
conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo
o uso da imagem, em todo o território nacional e exterior. Por essa ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada acima seja
reclamado a título de direitos conexos à imagem da criança/adolescente ou a
qualquer outro, assinando a presente autorização.

Sabara/MG, 06 de Agosto, de 2024



Nome e assinatura do(a) responsável

Termo de autorização de uso de imagem de criança/adolescente

Neste ato, Tatiane Pereira Passos,
nacionalidade brasileira, estado
civil casada, portador(a) da cédula de
identidade MG-10.417.838, inscrito(a) no
CPF 054.788.006-51, residente e
domiciliado(a) Rua Itaipava, 150 - B. Itacolomi
Sabará, município de Sabará,
estado Minas Gerais, responsável pelo(a) menor Thaissa Aívi
Passos Silva, autorizo o uso da imagem
por fotos para ser utilizada para fins acadêmicos na composição do trabalho de
conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo
o uso da imagem, em todo o território nacional e exterior. Por essa ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada acima seja
reclamado a título de direitos conexos à imagem da criança/adolescente ou a
qualquer outro, assinando a presente autorização.

Sabará/MG, 06 de Agosto, de 2024



Nome e assinatura do(a) responsável